

Eixo Temático

3. Educação no Campo, Marxismo, Trabalho e Formação Humana

Título

A GEOGRAFIA AGRÁRIA E O DILEMA DO ENGAJAMENTO SOCIAL: O EMBATE ENTRE MARXISMO E POSITIVISMO

Autor

Amauri Tadeu Barbosa Nogueira

Instituição

Pesquisador do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) UNESP-RIO CLARO/SP

E-mail

amauri@usp.br

Palavras-chave

Engajamento Social; História do Pensamento; Marxismo; Oliveira e Positivismo

Resumo

O objetivo deste artigo é trazer para o centro do debate Geográfico o engajamento social orientado por Ariovaldo Umbelino de Oliveira consoante ao materialismo histórico e dialético. A partir da preocupação da atividade do intelectual e seu envolvimento com a disputa do poder, isto é, suas experiências de luta, de vida são traduzidas em conformidade com suas pesquisas e seus trabalhos acadêmicos. Assim busca-se apresentar a discussão travada entre os pesquisadores que Oliveira denomina de neutros e os engajados sociais de orientação marxista.

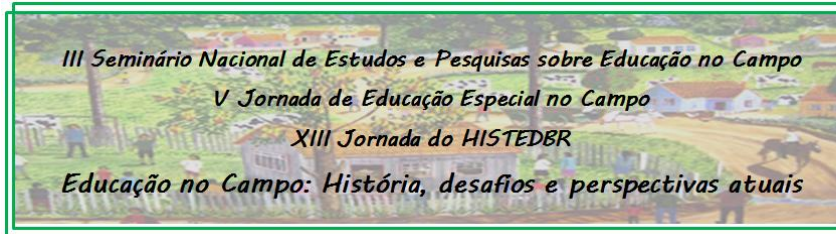
Texto Completo

E POR FIM

Aos inimigos convictos de hoje... (OLIVEIRA, 1978)

De repente, olha eu de novo. Perturbando a paz exigindo o troco. Olha um verso, olha o outro. Olha o velho, olha o moço chegando. O muro caiu, olha a ponte Da liberdade guardiã.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



(*Pesadelo – Mauricio Tapajós e Paulo Cesar Pinheiro apud, OLIVEIRA, 1978*)

Um dos maiores expoentes da Geografia e, por conseguinte da Geografia Agrária brasileira do século XX se pronuncia no século XXI como o maior eloquente da geografia marxista.

Oliveira é graduado em geografia na USP em 1970 e doutor em geografia (Geografia Humana) na USP em 1979, e livre docente na USP em 1997. O autor tem em seu currículo 38 artigos completos publicados em periódicos, 26 livros publicados, 56 capítulos de livros, 47 textos em jornais, 20 trabalhos publicados em anais de congressos, 136 apresentações de trabalhos em seminários e congressos, 49 orientações concluídas de mestrado e 42 orientações concluídas de doutorado.

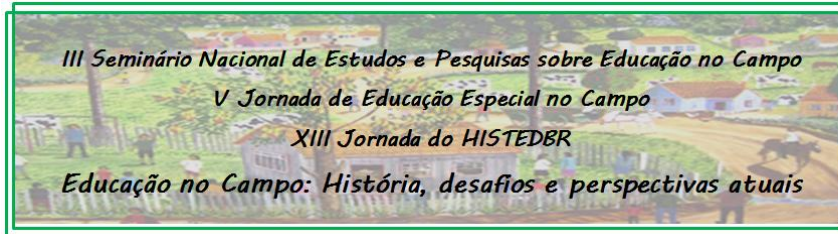
O engajamento como objeto deste texto, traz para o centro do debate o prof. Ariovaldo Umbelino de Oliveira, dada a sua relevância, pertinência e coerência acadêmica, política e social. Bombardi (2008) afirma que o autor desenvolve uma pesquisa historiográfica da corrente de pensamento orientada pelo materialismo histórico e dialético no departamento de Geografia da Agrária USP-SP ao analisar algumas obras de Oliveira assevera que:

A partir daí, diversas foram as obras de desvendamento do campo nesta mesma perspectiva, em que se completava o ciclo de sua postura dialética, no sentido de que sua trajetória foi marcada não só pela interpretação da realidade como também por seu compromisso com a transformação social da realidade. (BOMBARDI, 2008:110).

Consideraram-se o momento atual onde se questiona o engajamento social, e sobra espaço para os ativistas, falarmos deste tema soa descontextualizado. Mas, se olharmos pelo retrovisor da história, e buscarmos a gênese deste novo momento nós o encontramos na Associação dos Geógrafos brasileiros – AGB.

Do ponto de vista histórico, é preciso dizer que na raiz desse movimento havia duas perspectivas que eu penso fundamentais. A primeira diz respeito a um processo de política interna da entidade AGB, no sentido da sua efetiva democratização, já que a sociedade brasileira vivia o processo de redemocratização, com o início da própria abertura política. Ao mesmo tempo, do ponto de vista teórico e metodológico, houve a abertura da perspectiva das pesquisas na

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



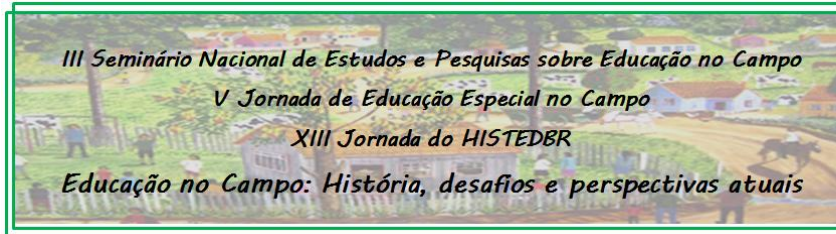
Geografia sob a ótica marxista... A perspectiva marxista na Geografia brasileira é uma realidade, tornou-se uma realidade a partir desse processo, e vem se tornando uma realidade: hoje ela é uma corrente de pensamento que produz conhecimento na Geografia, e conhecimento de qualidade e padrão internacional (OLIVEIRA, 2008:08).

Embora a luta consoante à democracia, pela participação ampla dos estudantes universitários, dos professores da rede pública, pela crítica à ditadura militar que imperava nos anos de chumbo estivessem na ordem do dia, Oliveira destaca que, “a década de 80 foi uma década que eu chamaria de radicalização, mas ao mesmo tempo de consolidação do processo democrático e de consolidação do avanço do marxismo no pensamento geográfico brasileiro”(OLIVEIRA, 2008:14). O debate teórico e metodológico também se impunha juntamente com a responsabilidade social do Geógrafo.

O momento do positivismo e neopositivismo na Geografia seria combatido no interior da AGB, e, as disputas de poder pautadas pela questão teórica e metodológica conforme Oliveira (2008) foi decisiva para o futuro do movimento, como um movimento combativo e representante das manifestações contestatórias do sistema capitalista vigente.

Na AGB, até então, havia certa restrição ao marxismo, já que prevalecia o pensamento de que a perspectiva marxista era ideologia, não era ciência, não podia fazer ciência, e, portanto na AGB, uma entidade cultural e científica, não cabia acolher essa corrente de pensamento (OLIVEIRA, 2008:10).

Este movimento teve como sujeitos históricos na direção deste processo: “esse processo foi bastante delicado e, durante o ano de 79, essa comissão organizadora - formada pelos professores Ruy Moreira, Carlos Walter Porto Gonçalves, José Marinho Gusmão e eu - Ariovaldo Umbelino de Oliveira” (OLIVEIRA, 2008:12). Temos então a partir deste movimento o início de um novo período na Geografia brasileira que a partir do engajamento social destes sujeitos históricos se desdobrou para o departamento de geografia da USP-SP, sob a tese de doutorado de Oliveira em 1978, e se consolida como corrente de pensamento.



O engajamento social como responsabilidade social do Geógrafo

Com sua tese intitulada *Critica ao Estado Isolado de Von Thunen*, Oliveira lança as bases do marxismo na Geografia Agrária brasileira.

[...] um dos primeiros trabalhos de ruptura nos estudos de Geografia Agrária é a tese de doutorado de Ariovaldo Umbelino de Oliveira “Contribuição para o estudo da geografia agrária: crítica ao ‘Estado Isolado’ de Von Thünen”. Este trabalho ‘introduz os conceitos básicos do materialismo histórico e do materialismo dialético, elementos fundamentais para uma introdução crítica às ideologias dos trabalhos desenvolvidos em Geografia Agrária, particularmente no Brasil (FERNANDES, 1998, apud BOMBARDI, 2008:106).

De acordo com Bombardi (2008) em seu texto, a autora destaca o comprometimento social de Oliveira, na teoria, no método e no engajamento do Geógrafo.

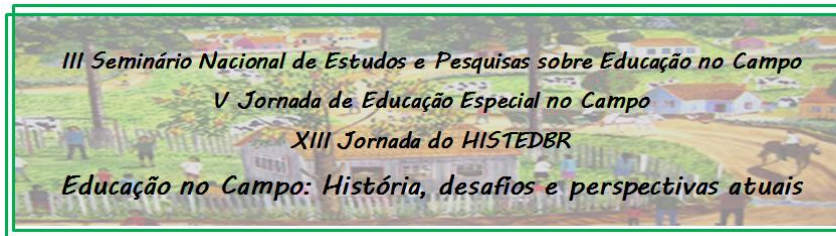
O outro trabalho foi a tese de doutorado de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Ariovaldo Umbelino de Oliveira que se tornou o principal representante da corrente marxista no âmbito da geografia agrária. Foi ele quem, deliberadamente, introduziu na geografia agrária – através de sua concepção dialética de ciência – o comprometimento do trabalho científico com a transformação da realidade (BOMBARDI, 2008:106).

Desta forma podemos afirmar que o autor orientava a aplicação do instrumental do materialismo histórico e dialético como componente capaz de consubstanciar os problemas sociais no interior da sociedade brasileiro, sobretudo, dos camponeses, com a epistemologia marxista como inspiração de renovação crítica de Geografia em voga.

O marxismo exige um posicionamento do pesquisador

Só é possível pensar em ativismo fora da história. No interior dela temos engajamento social, este advém da compreensão do compromisso de agir sobre a ideologia dominante. O engajamento produz um movimento de intervenção na sociedade em sua forma de infra e superestrutura de onde emana a inerência da luta de classes nas disputas pelo poder. Engajar-se é desvencilhar das tramas miúdas do vivido em sua complexidade.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Complexidade esta que emerge para o pesquisador neutro como uma totalidade soldada na infra e superestrutura isolada, separada sem conflito, sem história é um eterno presente.

O interesse na separação das modalidades do saber humano fundamenta a crença da possibilidade de realização da atividade científica não-reflexiva. Assim, propicia a especialização desta atividade, pois desprovida que se encontra daquilo que exige a unicidade do método: a possibilidade de refletir sobre o método, o que envolve filosofia e ideologia (ALVES e SOUZA, 1992:17).

Destarte para o Geógrafo engajado capita-se o real em movimento na formação econômica e social, sob a observação do modo capitalista em seu movimento de expansão, na modernização do campo. Seguindo a assertiva com Alves e Souza (1992) em perspectiva classista temos que afirmar que todo movimento é movimento em uma totalidade.

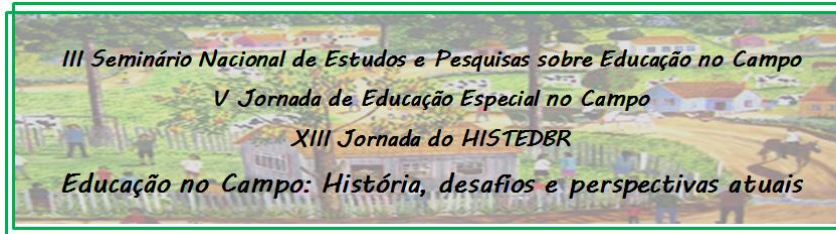
Assim sendo para o sistema vigente se afirmar necessita-se de ativistas, para o momento e a hora, e não do engajamento social que engendra concreticidade histórica de base material e social, e por sua vez comprometimento e responsabilidade em saber e se preocupar com; por e para quem se pesquisa. Segundo Oliveira “o discurso Geográfico também tem apresentado ultimamente, uma preocupação latente, com a responsabilidade social do geógrafo face à sociedade e os processos de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1978:18).

É este seu questionamento de Von Thunen, que vai ser sua preocupação dos embates que pautaram toda sua trajetória de engajamento social, acadêmico e todo o seu trabalho intelectual; *o problema ideológico nos trabalhos de Geografia que se apresentam como Ciência Geográfica desprendidos de responsabilidade social.*

E por fim...

Os intelectuais neutros fazem com que as contradições, as desigualdades, as injustiças sociais, emergem sob um cenário onde as mazelas são unicamente uma forma errônea de ver o mundo, estes, estão comprometidos com a estrutura econômica e política vigente sob o verniz de uma pesquisa civilizada, sob as odes éticas e políticas, na busca da reprodução do sistema capitalista.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



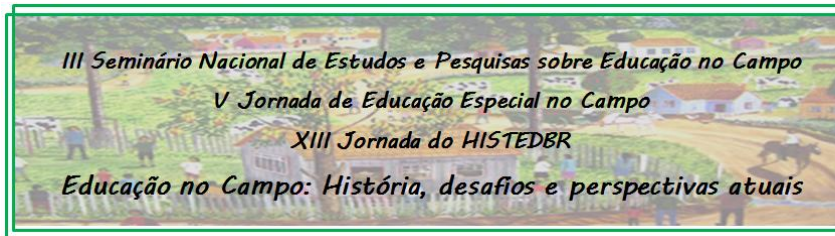
Buscam o saber prático, são técnicos que consciente ou inconscientemente não só produzem, mas, também (re)produzem um intelectual articulada envolvido do discurso como fim e não como meio, lugar em que as técnicas de pesquisa aliadas aos instrumental teórico e metodológico se bastam e tem um fim e si mesma, não ultrapassam a mera descrição dos fatos. “A amplitude do método deveria contemplar tão somente a dimensão social do homem, a classe social” (ALVES e SOUZA, 1992:14).

Não existe subjetividade sem objetividade e vice-versa. A unidade do real nos permite afirmar que o fato é, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo, porque o homem é um objeto-sujeito e portanto sua consciência também é objetiva-subjetiva, porque o homem é um sujeito-objeto. A ciência, portanto, deve contemplar esta unidade para se constituir como uma modalidade de saber consciente do mundo porque consciente de si mesma (ALVES e SOUZA, 1992:16).

Por meio de uma perspectiva classista de orientação marxista Alves e Souza (1992), nos ajudam e compreender esta contradição entre teoria-método e o intelectual engajado socialmente.

Assim, o homem, com o método, para ser plenamente consciente de si mesmo, deve se voltar não apenas para a realidade, mas para a realidade do trabalho consciente, para a realidade da consciência e para as condições - potenciais e limitações - da consciência na intervenção nesta- e para esta- realidade mesma. Finalmente, o método deve contemplar as condições de trabalho consciente do homem, as condições de produção deste trabalho, a própria atividade científica, a produção do conhecimento. Só a partir daí o método contempla a práxis científica (ALVES e SOUZA, 1992:16).

O conceito de engajamento em Oliveira vem derivado de Marx quando este afirma que “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” mas, avançando na compreensão marxiana temos a realidade como a geradora da consciência temos um método fundamentado na concreticidade do real a partir da base material das coisas e a relação entre a consciência e a realidade: “a consciência é, pois, logo desde o começo, um produto social, e continuará a sê-lo enquanto existirem os homens” (MARX, 2008:34).



Assim a produção material oriunda da perspectiva marxista tem no trabalho sua expressão social que se traduz na sociabilidade, consciência e atividade, desta forma temos a consciência social como formadora da realidade humana.

Serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência (MARX, apud OLIVEIRA, 1978:19)

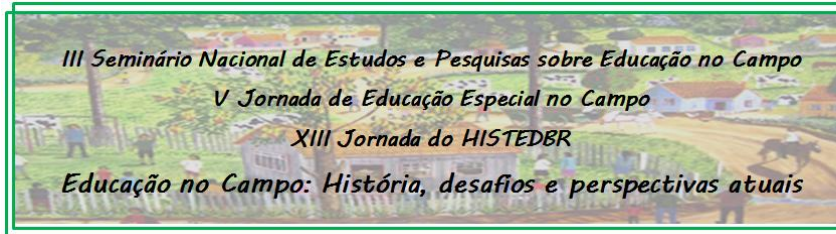
Assim temos a orientação sociopolítica de Oliveira, que em seu engajamento social e sua crítica radical e mordaz ao sistema capitalista o transformaram em ponto de referencia no interior das atividades intelectuais concernente a geo-agrário, que tem seu fundamento na base material da vida social e uma perspectiva de orientação nas disputas das classes sociais, cuja superação é a única condição. A dinâmica do modo de produção capitalista encerra em seu bojo a superestrutura e infraestrutura.

Trilhando este caminho, Oliveira tornou-se uma referência para os estudos dos movimentos sociais no campo – não só na geografia, como nas outras ciências humanas – produzindo uma interpretação teórica para a reprodução do campesinato e dos movimentos camponeses. A interpretação teórica dos movimentos sociais, no âmbito da geografia, tornou-se, portanto, uma das grandes marcas do pensamento de Ariovaldo Umbelino de Oliveira (BOMBARDI, 2008:111).

Os engajados sociais trazem a tarefa histórica de intervenção social, ou seja, é combater-lo é viver tencionando-o e transformando-o no devir, é fazer uma autocritica permanente em um processo de autoconstrução humana, no ato social marxista, isto é na produção e reprodução humana por meio do trabalho, que se conforma o ser social.

É de extrema relevância observar que a disputa orientada por Oliveira se dá no momento do discurso Geográfico que fica subsumido no jogo da neutralidade, da racionalidade e da pureza, isto, por seu turno, oculta a luta de classes que se delinea na pesquisa. O discurso da neutralidade tem a capacidade de inverter as questões sociais em questões técnicas de numero, bom senso, financiamento, estatísticas, manipulados sob a égide da imparcialidade.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



Não é o tema escolhido pelo pesquisador que o define como engajado ou neutro, mas, sua teoria e seu método, mais ainda, é a sua responsabilidade social diante da sociedade. Um intelectual pode usar o materialismo histórico e dialético e descrever a realidade sem intervir nela, não tomar partido, e, por conseguinte, não assumir uma posição, sob a ideologia da neutralidade do conhecimento.

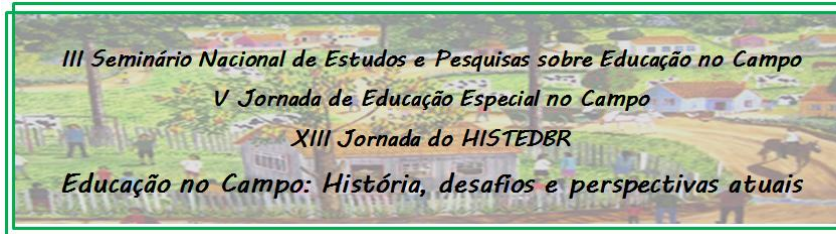
É por isso que Oliveira chama a atenção para as múltiplas formas de pensar o campesinato em que as interpretações das correntes de pensamentos vigentes sobre o processo de industrialização no campo, apontando as discordâncias, para uns, afirmando que esta leva o camponês inevitavelmente à homogeneização, para outra modernização não extinguiu o camponês, pelo contrário tornou-se sua contradição e condição de existência, tem também os que reduzem os camponeses a resíduos em vias de extinção, que a partir do avanço do capitalismo camponês não poderia ser interpretado, como uma classe social de dentro do capitalismo. “Para outros, esse processo é contraditório, portanto heterogêneo, o que leva a criar obviamente, no processo de expansão do assalariamento no campo, o trabalho familiar camponês”(OLIVEIRA, 2007:08)

O que significa dizer que o campesinato e o latifúndio devem ser entendidos como de dentro do capitalismo e não de fora deste, como querem as duas correntes anteriores. O campesinato deve, pois, ser entendido como classe social que ele é. Deve ser estudado como um trabalhador criado pela expansão capitalista, um trabalhador que quer entrar na terra (OLIVIERA, 2007: 11).

Levando em consideração suas contradições, seus limites e suas possibilidades busca-se a intervenção concreta no processo de conhecimento, isto é, buscar no lugar de produção de conhecimento uma produção de pesquisa que seja orientada para fora do locus acadêmico, mas com vínculo com a realidade social. Ou seja, seus problemas, suas demandas, suas disputas de orientação classista, na conformação de análises concreto sob situações concretas.

Temos que ter bem claro a distinção de revolucionário-militância que tem a defesa de seu fato como legítimo e a teoria oculta as contradições, o revolucionário vive a sombra da teoria e do método se escudam nele e nele fazem sua vida assim passa-se por cima de tudo e todos usando de sua ciência, poder político e erudição, pois a causa

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



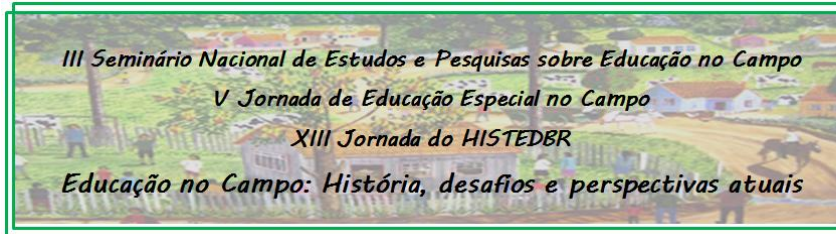
será beneficiada, assim o discurso torna-se propaganda política deste ou daquele grupo, não se traduzindo em ciência, pois desta forma a teoria se impõe aos fatos, e o discurso do cientista geográfico, server antes para construir um discurso sedutor, que fazer um movimento intelectual para explicar o mundo real.

Esta geografia-ciência, por não ter um sujeito-pesquisador para si mesmo, perde a dimensão de subjetividade possível no método, pois nela há dimensões que não possuem sujeito. O não-reconhecimento da possibilidade de existência de interesses na pesquisa leva o isolamento da atividade científica para com a realidade. Então esta é abstraída mas não (re)conhecida. O discurso desta geografia sobre o mundo passa a ser defendido como sendo o próprio mundo. (ALVES e SOUZA, 1992:05).

No imperialismo a antropologia, no nazifacismo tinha Biólogos e Geógrafos e no socialismo, sobretudo URSS, só tinha revolucionário. E, a história demonstrou que, os grupos, regimes, partidos políticos, movimentos sociais e outros precisam de revolucionários, mas, a ciência só precisa de cientistas engajados e comprometidos com a sua ciência e usar a ciência para entender, compreender, interpretar e explicar o mundo sem deixarem de serem cientistas, ou seja, buscam em suas trajetórias de vida, suas experiências, como pessoas ou como cidadãos e as engendram na teoria e método.

Claro que o engajamento vai além, vai em direção a superação desta sociedade fundamentada no capital, mas para que isto aconteça deve o intelectual engajado unir suas experiências de vida com a teoria e o método. “E os cientistas engajados são aqueles que mais tendem, a usar sua experiência externa no trabalho acadêmico” (HOBSBAWN, 1998:150). De forma consciente, na busca da objetividade material da vida humana. “O universo do método consciente é o mesmo, pois a dimensão ôntica do homem é a sua dimensão social, a classe social. É isto porque não existe homem fora da história, desconsciente da sua existência e, repetimos desconsciente da consciência. Não existe subjetividade sem objetividade e vice-versa” (ALVES e SOUZA, 1992:16).

Isto, por seu turno, produz um engajamento de classe social que tem zelo pelo resultado de suas pesquisas, aprecia o momento, o grupo, segmento e a sociedade que será beneficiada. Buscam em sua pesquisa, assuntos e problemas que os intelectuais neutros não buscam, não se preocupam, nem com o problema nem com o resultado, pois



os intelectuais neutros acreditam que todos podem se beneficiar das pesquisas. Os intelectuais engajados trazem para dentro do mundo acadêmico as preocupações que inauguram seu universo espaço-temporal, ou seja, uma ruptura teórica e metodológica que engendra as disputas de poder.

Engajar-se no movimento da sociedade por e entre problemas, com seu arcabouço discursivo enquanto instrumental de ação política e de transformação social e, por conseguinte, buscar a superação do modo capitalista de produção, considerando seu movimento contraditório e desigual unido dialeticamente tanto na teoria-método, quanto nas tramas miúdas do vivido é o legado de Oliveira para os estudos concernentes a Geografia Agrária.

Engajar-se é preciso...

Referências

ALVES, Willian Rosa. SOUZA, José. *Gilberto. Geografia e Método: O pesquisador entre a janela e a calçada*. 1992.

BOMBARDI, Larissa. *Contribuição à Historiografia da Geografia Agrária na Universidade de São Paulo*. Revista Agrária, São Paulo, no 8, pp. 99-121, 2008.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

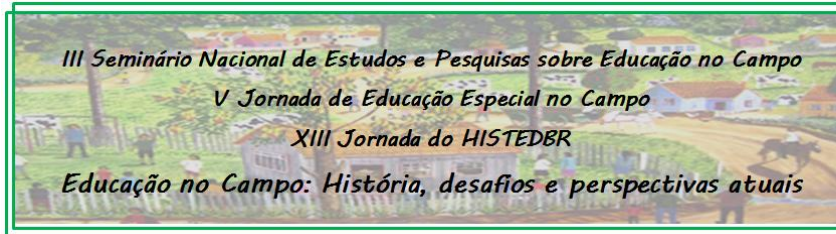
NOGUEIRA, Amauri Tadeu Barbosa *A Geografia Agrária e sua contribuição aomarxismo*. Colóquio CEMARX 2015.

NUNES, Flaviana Gasparotti. *O econômico na geografia influencia do pensamento econômico na produção geográfica (1970-2000)* Tese (Doutorado em Geografia) pós-graduação na faculdade de ciências e tecnologia Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Contribuição para o estudo da Geografia Agrária: crítica ao "Estado Isolado" de Von Thunen*. 1978. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia. FFLCH-USP.

_____. *A Pequena Produção Agrícola Mercantil no Brasil - Anais do 5o Encontro Nacional de Geógrafos - AGB, Porto Alegre-RS, 1982.*

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



_____. *Modo Capitalista de Produção e Agricultura*. São Paulo: Ática, 1986. v. 01. 88p.

_____. Espaço e Tempo: Compreensão Materialista Dialética. In: Milton Almeida dos Santos. (Org.). *Novos Rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993, pp. 66-109.

_____. *O modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária*. 1ª Edição, FFLCH, São Paulo, 2007.